

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial - Rio de Janeiro - outubro 2003

Função Leitor:  
**Daniel Kupermann**

### **Tema 3**

## **A Experiência Psicanalítica e a Cultura Contemporânea: Uma Leitura**

Como vocês poderão constatar, procurei ser fiel nessa leitura às pontuações cruciais apresentadas nos trabalhos enviados ao site. Fidelidade aos textos lidos, porém, não implica obviamente, mesmo que o quisesse, submissão à sua letra e, assim, será provavelmente nos pontos em que pude resistir a eles, mesmo sem o saber, e que decerto serão reconhecidos por seus autores, que essa leitura poderá facilitar nossa conversação.

O método adotado apoiou-se na constatação de que a maior parte dos ensaios endereçados a esta temática trazia, de um lado, um *diagnóstico* - mais ou menos explícito – do mal-estar característico do contemporâneo e, de outro, considerações acerca do que *marca a experiência psicanalítica* nesse contexto. Dessa maneira, buscarei, em um primeiro momento, mapear o que os trabalhos puderam reconhecer como as figuras ilustrativas do mal-estar contemporâneo, e o que puderam testemunhar acerca da presença do atual no cotidiano da prática clínica.

Porém, os esperados testemunhos acerca da experiência psicanalítica contemporânea assumiram, de modo surpreendente, o estilo proposicional próprio do *manifesto*, o que ilustram os títulos escolhidos para alguns ensaios, como: “Por uma política da fantasia”, “Por uma política do sintoma”, “Por uma

outra sensibilidade clínica”, “Em defesa de uma utopia” etc. - à medida que os trabalhos iam sendo inscritos, aumentava o número daqueles que adotavam o estilo do manifesto, indicando uma espécie de entusiasmo lúdico que se expandiu, convém notar, para além dos limites atribuídos a cada um dos temas de discussão.

Afora a constatação de que a modalidade de exposição de idéias através de um site, como a criada pelos Estados Gerais da Psicanálise, pode produzir bom humor, as proposições-manifesto parecem revelar a urgência de se refletir acerca de uma *política da psicanálise*. Isto é, os campos da clínica e da política não são mais reconhecidos como exteriores entre si ou extemporâneos, e se a práxis psicanalítica pôde, efetivamente, originar um laço social inédito até então - através do manejo da transferência -, o que diferenciara o psicanalisar das modalidades de prática política concebidas no século XIX, isso não nos exime de admitir que os modos contemporâneos de exercício do poder e do controle - intimamente associados à exacerbação do capitalismo mundial integrado - poderão, no limite, tornar inviável a experiência psicanalítica. Portanto, pensar a clínica na atualidade implica também o questionamento acerca do que seja uma política da psicanálise para o nosso tempo.

Passemos primeiramente, então, aos diagnósticos, isto é, à enunciação das figuras do mal-estar contemporâneo eleitas pelos autores:

A figura do *silêncio* que se abate sobre os analisandos que pouco falam e pouco fantasiam é privilegiada por Joel Birman (2003). Este silenciamento das vozes e do imaginário psíquico corresponderia ao emudecimento imposto ao corpo desde a modernidade (Descartes), contra o qual a psicanálise, inspirada no discurso das históricas, se insurgiu em seus primórdios. Seria esse silêncio

do somático, ainda, o responsável pela mortificação das manifestações da pulsão presentes nos sintomas psicossomáticos, o que traria um embaraço para uma prática baseada na cura pela palavra. A figura da *pobreza* é destacada, por sua vez, por Eduardo Leal Cunha (2003), em seu duplo aspecto de pobreza erótica e fantasística, e também de recursos materiais, que parece se alastrar através de fatias cada vez maiores do corpo social, promovendo um ambiente de penúria que ameaça a experiência da diferença e da singularidade. Seria interessante saber o que pensam, a esse respeito, os colegas que vivem nos chamados países desenvolvidos: de que modo a pobreza – sem dúvida mais globalizada que a riqueza – se apresenta em seu cotidiano e em sua clínica. Marisa Maia (2003) baseia-se na clínica com jovens adolescentes, indicando as figuras da *apatia* e da *desafetação* presentes em seu discurso, geralmente acompanhadas (e dissimuladas) pelo uso de drogas, sintoma menos importante frente ao vazio de sentido experimentado em suas vidas, que termina por congelar seu potencial desejante. Eduardo Losicer (2003), em espaço clínico bastante heterodoxo – escutando trabalhadores “embarcados” em uma plataforma de extração de petróleo –, revela de que maneira o “campo” (referência a Agamben) se produz na vida social a partir do momento em que a fronteira entre o público e o privado é sacrificada através do efeito totalitário do regime de trabalho. Quando o estado de exceção se torna a regra, como quando se é confinado por um imperativo de produtividade ininterrupto, deixa-se de ser sujeito da própria fala; e, nesse caso, parece, efetivamente, que estamos todos no mesmo barco. Finalmente, eu mesmo privilegiei, inspirado nas personagens comatosas de Pedro Almodóvar em “Fale com ela”, a figura do *abandono* como ilustrativa do mal-estar contemporâneo, responsável por uma medida protetora

de dessensibilização - como anestesia e abandono-de-si - para a experiência do encontro com o outro, vivido como traumático (Kupermann, 2003).

Silêncio, pobreza, desafetação, confinamento, abandono. Pode-se perceber que há um fio condutor comum a essas figuras ilustrativas do mal-estar contemporâneo e aos sintomas por elas produzidos que se impõe como provocador ao psicanalisar na atualidade. Justamente, seria preciso, no exercício da clínica contemporânea, poder escutar, através do cultivo de uma outra sensibilidade clínica e do estabelecimento de um “campo de afetação” intensivo, o grito silencioso de socorro dos analisandos anestesiados, para que a experiência psicanalítica possa interceder no abandono das individualidades, persistindo em sua política da fantasia.

É nessa passagem - do diagnóstico para a redefinição do que caracteriza a experiência psicanalítica na cultura contemporânea - que uma pergunta levantada por Isabel Fortes (2003) merece consideração especial: *Como os conceitos através dos quais pensamos a constituição das subjetividades são materializados na experiência clínica?* Questão crucial, raramente enfrentada mesmo quando se quer marcar uma diferença crítica em relação a outras abordagens teórico-clínicas. O objetivo específico do seu trabalho é o de demonstrar a insuficiência da concepção, predominante na configuração atual do campo psicanalítico, do desejo movido por uma falta estruturante. Porém, adiando temporariamente essa questão, a lebre que é tirada da cartola é a do problema da resistência dos próprios psicanalistas, na forma de um apego às teorias já constituídas, como modalidade defensiva frente às incertezas às quais a clínica nos remete. Assim, a pergunta acerca de como os conceitos se materializam na clínica remete ao questionamento das resistências presentes

nos modos de transmissão e de institucionalização da psicanálise; de outra maneira, à “psicopatologia da transmissão da psicanálise”, como nomeou o grupo *Axe & Cibles Analytiques*, de Paris (cf. Roger, 2003).

Izabel Szpacenkopf (2003) põe o dedo nessa mesma ferida ao indicar a tendência dos psicanalistas de deixarem de usar criativamente a teoria, passando a serem usados por ela, como um efeito da submissão transferencial produzida nos processos de formação psicanalítica. Seria preciso poder resistir aos saberes já constituídos para poder exercer a criatividade clínica. Pode-se entender que é exatamente essa dimensão positiva da resistência o que se quer evidenciar através da contundência do estilo do manifesto, empregado por tantos autores. Em certas ocasiões, é preciso dizer em alto e em bom som o que se quer afirmar.

Teria a universidade, do seu lado, tido sucesso em constituir um lugar privilegiado para a transmissão e a produção de saber criativos em psicanálise? Essa questão não poderia ser menosprezada no encontro dos Estados Gerais da Psicanálise no Brasil, pelo simples fato de que a maior parte dos psicanalistas que enviaram trabalhos têm ou tiveram um decisivo percurso universitário. Patrícia Lustosa (2003) indica a importância do inusitado da clínica para que a pesquisa *em* psicanálise não fique restrita à pesquisa *sobre* psicanálise, e Ari Band (2003), por sua vez, descreve um método de supervisão clínica que busca escapar dos efeitos da doutrinação teórica nascido, justamente, na universidade.

Assim, o problema da resistência e da dominação na transmissão da psicanálise se impõe como o terceiro aspecto principal considerado pelos

autores lidos - ao lado dos diagnósticos do mal-estar contemporâneo e dos testemunhos acerca da experiência clínica nesse contexto.

Retomando estes últimos, o que se pôde encontrar nas proposições lidas é uma convocação no sentido de que o psicanalista se apresente de corpo e alma para a experiência de afetação mútua que qualifica a clínica psicanalítica. Só assim será possível transpor as couraças com as quais as individualidades empobrecidas se resguardam de seu devir, transformando o encontro analítico em uma “máquina expressiva” na qual a criação se faz possível (cf. Maia, 2003). A questão da cura é, dessa forma, revalorizada através do apelo a uma maior atenção do psicanalista ao sofrimento dos que dispõe a tratar. Eliana Reis (2003) sugere que o caminho privilegiado para se “abrir passagem” através das resistências caracteriais dos analisandos é a ampliação da atenção flutuante em múltiplos planos perceptivos, de maneira que se possa ser afetado não apenas pelo que o discurso do analisando significa, mas também pelas pequenas percepções do que é expresso através da sua corporalidade. E Virgínia Portas define a cura como expansão psíquica através da criação de sentido produzida no encontro analítico, desenhando uma imagem lúdica da experiência clínica na qual o humor e as várias formas do brincar através das quais a intensidade pulsional se faz presente são acolhidos como manifestações do infantil da pulsão. Produz-se, assim, um jogo no qual o psicanalista se encontra também implicado em sua dimensão pulsional e infantil, o que nos obriga a repensar a concepção tradicional de “lugar do analista” através da figura da utopia (um lugar a ser criado).

À esse respeito, Perla Klautau e Octavio Souza (2003), estabelecendo um rico diálogo entre Winnicott e Lacan, concluem que não se pode dissociar as

duas dimensões do trabalho da análise – o *holding* e a interpretação. Porém, isso não impede que determinados autores tenham privilegiado, ao longo da sua obra, apenas uma delas, privilegiando, conseqüentemente, um único “lugar” supostamente adequado ao psicanalista. Não é por acaso que os trabalhos que discutem a clínica tenham buscado inspiração múltipla, recorrendo, além de Freud, a Ferenczi, Winnicott e também a Lacan.

Assim, para que a experiência psicanalítica possa preservar sua potência, é preciso ao analista suportar uma vacilação narcísica, transformando seu poder em uma “política do desejo como causa”, condição para o “trabalho em conjunto” próprio da análise, segundo a definição de Nelisa Guimarães (2003). Nesse sentido, poder-se-ia pensar a psicanálise, junto com Sissi Castiel (2003), inspirando-se em uma ética da hospitalidade (Derrida), segundo à qual o outro possa ser acolhido em sua real estrangeirice.

A mesma convocação à presença do psicanalista é encontrada na leitura positiva que Leila Ripoll faz da reação terapêutica “negativa”, atribuída tradicionalmente aos analisandos supostamente resistentes. Em seu argumento, a estagnação de uma análise será produzida se, nos momentos decisivos de uma análise, na “hora do gol” (referência à música “Divina comédia humana”, de Belchior, aquela que fala do “analista amigo meu”), o analista persistir interpretando segundo o princípio da neutralidade, recusando implicar-se com a experiência sensível em curso. É preciso “deixar a profundidade de lado” unindo o falar ao dizer; de outra maneira, é preciso voltar a “falar com” o analisando, o que nos remete novamente à experiência languageira inventada por Freud (cf. Kupermann, 2003). Nesse ponto, seria interessante aceitar a provocação de

Ricardo Pacifico (2003) que questiona se a prática analítica ainda pode ser definida como uma clínica da escuta.

Para concluir, uma curiosidade: alguns desses trabalhos adotaram uma inédita interlocução com a música popular brasileira (Titãs, Cássia Eller, Arnaldo Antunes e Alice Ruiz também compareceram), o que sugere uma *disponibilidade* para escutar a multiplicidade de ritmos e de vozes que compõem a poética contemporânea e, também, para se embalar no bolero - “dois pra cá, dois pra lá” - que define o movimento de construção de sentido e invasão de não-sentido próprio da clínica das pulsões e da feminilidade, como propõe Ana Beatriz Lima da Cruz (2003); um bom desígnio para a psicanálise que se reconhece convocada para os seus Estados Gerais.

### Referências Bibliográficas:

- BAND, Ari. “Uma forma de supervisão psicanalítica nascida na universidade”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- BIRMAN, Joel. “Corpos e formas de subjetivação em psicanálise”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- CASTIEL, Sissi. “Possíveis dimensões do lugar do analista na técnica freudiana”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- CRUZ, Ana Beatriz L. “Em questão: a análise leiga ou...”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- CUNHA, Eduardo Leal. “Por uma política da fantasia”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- FORTES, Isabel. “Nietzsche e a subjetividade contemporânea: um desejo que não é movido pela falta”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- GUIMARÃES, Nelisa. “Poderes do psicanalista”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.

- KLAUTAU, Perla & SOUZA, Octavio. “Diálogos entre Winnicott e Lacan: Do conceito de objeto ao manejo clínico da experiência de sofrimento”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- KUPERMANN, Daniel. “Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor!”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- LUSTOSA, Patrícia. “A pesquisa em psicanálise: entre a técnica, a extensão e a intensão”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- LOSICER, Eduardo. “Confinados!”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- MAIA, Marisa Schargel. “Extremos da alma – clínica, experiência subjetiva e campo de afetação”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- PORTAS, Virgínia. “Atualidade da psicanálise e ideais clínicos (em defesa de uma utopia)”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- REIS, Eliana S. “É possível continuar a ser sem ficar pequeno – uma reflexão clínica sobre o caráter e a resistência”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- RIPOLL, Leila. “Divina comédia humana (ou sobre a reação terapêutica negativa)”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- ROGER, Anne-Geneviève. “Questões individuais refletidas coletivamente pelo grupo Axe & Cibles Analytiques para o II Mundial dos EGP”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.
- SZPACENKOPF, Maria Izabel M. “Resistência e dominação na relação psicanalítica”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial* ([www.estadosgerais.org/mundial\\_rj](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj)), Rio de Janeiro, 2003.